

AMOR E PODER NA PERSPECTIVA DE ADAM KAHANE: um diálogo entre pesquisadores de épocas distintas

*Alegria Celia Benchimol**
*Ana Lucia Ferreira Gonçalves***
*Marcos do Couto Bezerra Cavalcanti****

RESUMO

A pesquisa visa a aplicar os conceitos de *poder* e *amor* na perspectiva do autor canadense Adam Kahane ao diálogo entre Alexandre Rodrigues Ferreira (Século XVIII) e Emílio Goeldi (Século XIX), pesquisadores de épocas distintas. Nesta perspectiva, será analisada a apropriação dos textos de Alexandre Rodrigues Ferreira por Emílio Goeldi e que resultaram em nova produção intelectual por parte do segundo, na qual uma relação de amor e poder generativo é constatada. No cenário dos dois autores citados (Alexandre Rodrigues Ferreira e Emílio Goeldi), o fazer sentido ocorre por meio de um processo que se constrói através de conceitos novos adquiridos, de maneira cumulativa, permitindo uma perspectiva diferente da que se tinha anteriormente. A ideia de compartilhamento e negociação de significados permeia os textos produzidos pelos mencionados autores. A forma como Kahane enfrenta e resolve problemas sociais complexos, conciliando, na prática, os conceitos de *poder* e *amor*, desenvolvidos por ele, os estudiosos da Ciência da Informação e outras ciências, denominam de *interdisciplinaridade*.

* Doutoranda em Ciência da Informação no convênio Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Curadora da coleção etnográfica, vinculada à Coordenação de Ciências Humanas do Museu Paraense Emílio Goeldi, Brasil.
E-mail: alegria.benchimol@gmail.com

** Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal Fluminense em convênio com o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT, Brasil. Bibliotecária do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: analucia2108@gmail.com

***Doutor em Informática pela Université de Paris XI (Paris-Sud), França. Professor adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: marcos@crie.ufrj.br

Palavras-chave: Adam Kahane. Comunicação científica. Interdisciplinaridade.

I INTRODUÇÃO

Num mundo globalizado, no qual cada vez mais informações encontram-se dispersas e fragmentadas, necessitando de uma conexão para que as mesmas encontrem um sentido e a partir deste uma totalidade, refletir sobre o que é complexidade recebe cada vez mais destaque e atenção da área acadêmica. Pensar sobre a origem e as necessidades que advém desse fenômeno é de fundamental importância para as Ciências Humanas, uma vez que outras possibilidades, a partir dessa discussão, abrem-

se para a compreensão do homem, para o enfrentamento e resolução de seus problemas e conflitos, num processo espontâneo, inerente ao ser humano, de dar significado ao mundo que o cerca, tornando-o mais compreensível.

Nessa direção, na história do pensamento humano sempre existiu a ideia do saber unitário, ou seja, do conhecimento total. Para o homem pré-histórico, existia o mito; para os gregos, a noção de cosmo, bem como na Idade Média aceitava-se o Deus criador e protetor do cosmo. Os mitos, ritos, cosmo e Deus representavam a unidade do saber. Para essas sociedades, o

conhecimento só fazia sentido se remetesse ao todo e assim era exercido no âmbito da totalidade (JAPIASSU, 1976). O conceito de saber unitário prevaleceu até o Renascimento, quando

o homem, o mundo e Deus se unem numa aliança íntima na unidade de um sistema de mitos e de ritos, de representações e de valores que garante o equilíbrio do espaço mental e promete que o curso da história individual e coletiva chegará a bom termo (GUSDORF, 1976, p. 18).

Entretanto, a formação do saber configurado como unitário é rompida com o surgimento das especialidades, no século XIX, oriundas da produção acelerada do conhecimento e do aparecimento de novas tecnologias, solidificadas na segunda metade do século XX (JAPIASSU, 2006). Esse período ficou marcado pela atenção que os chamados “especialistas” começaram a dar, separadamente, aos diversos setores da ciência. Pela primeira vez, uma pessoa seria consultada sobre determinada área do conhecimento específico. Assim, nasceram os primeiros *experts* da História, aqueles a quem Gusdorf (1976, p. 8), chama de “homens do provisório”, aos quais é confiada a responsabilidade de assegurar uma precária sobrevivência à humanidade. Ainda sob essa perspectiva, Japiassu, fazendo um paralelo entre especialistas e generalistas, afirma que

o especialista se reduz ao indivíduo que, à custa de saber cada vez mais sobre cada vez menos, termina por saber tudo (ou quase tudo) sobre o nada, em reação ao generalista que sabe quase nada sobre tudo. [...] cada especialista ocupou, como proprietário privado, seu minifúndio de saber onde passou a exercer, ciumenta e autoritariamente, seu mini-poder (JAPIASSU, 2006, p. 28-29).

Seguindo essa ideia, Pombo (2005), citando Durand, ressalta que grandes acontecimentos e transformações científicas produzidas no final do século XIX não se realizaram pelas mãos dos ditos especialistas, mas, opostamente, foi através daqueles que possuíam uma formação generalista e universal do saber. Nas palavras de Durand:

[...] os sábios criadores do fim do século XIX e dos dez primeiros anos do século XX (esse período áureo

da criação científica, em que se perfilam nomes como os de Gauss, Lobatchevski, Riemann, Poincaré, Hertz, Becquerel, os Curie, Rutherford, Pasteur, Max Plank, Bohr, Einstein), tiveram todos uma formação largamente pluridisciplinar, herdeira do velho trivium (as humanidades) e do quadrivium (os conhecimentos quantificáveis e, portanto, também a música) medievais (DURAND, 1991, p. 36).

Neste contexto, no qual impera a complexidade e seus desdobramentos, surge a *interdisciplinaridade* como um possível caminho para a melhor compreensão do saber e, posteriormente, uma nova proposta é pensada pelo autor canadense Adam Kahane envolvendo a conciliação entre o *poder* e o *amor* para a resolução de mudanças sociais do mundo contemporâneo.

Partindo do princípio que ciência e sociedade são caracterizadas pela complexidade e fragmentação, o presente trabalho visa a apresentar, sob a ótica do autor canadense, como se configura a relação entre Alexandre Rodrigues Ferreira e Emílio Goeldi, pesquisadores de épocas diferentes, por intermédio da produção de seus textos. Utilizando os conceitos de *poder e amor*, desenvolvidos por Kahane no livro *Poder & Amor: teoria e prática da mudança social*, publicado em 2010, pontuaremos a relação intertextual dos autores. Serão explorados também os conceitos de *interdisciplinaridade*, de disseminação *da informação*, numa tentativa de aproximar o tema desenvolvido por Kahane à Ciência da Informação.

Para cumprir tal objetivo, ilustraremos a análise com fragmentos textuais do viajante naturalista brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira (século XVIII – 1783-1793), e do zoólogo suíço Emílio Goeldi (final do século XIX – 1895). São pesquisadores de épocas distintas, cuja relação demonstra claramente alguns fundamentos da Comunicação Científica por meio de seus canais formais, ou seja, os escritos que legaram à posteridade.

2 PODER E AMOR NA CONCEPÇÃO DE ADAM KAHANE

De acordo com Kahane, quando nos encontramos frente a um desafio social complexo, usualmente o resolvemos de duas maneiras:

ou tentando forçar nossa vontade usando armas, dinheiro ou votos, ignorando a vontade das pessoas envolvidas (guerra agressiva) ou deixando quieto e não discutindo (paz submissa). São formas extremas, geralmente fadadas ao fracasso. O autor acredita que o oposto de guerra agressiva não é a paz submissa e sim a criação coletiva (*cocriar*).

O termo *cocriação* foi cunhado em 1988, na obra conjunta escrita por Venkat, Ramaswamy e C.K. Prahalad, *O futuro da Competição*, sendo a principal deste termo, a adoção da prática de cooperação e colaboração entre os pares.

De acordo com Barnett, Ault e Kaserman (1988) a necessidade dos pesquisadores de produzirem cada vez mais e com maior qualidade faz com que a colaboração seja vista como uma grande aliada, permitindo aos mesmos uma divisão de tarefa mais justa, uma redução do tempo gasto e diminuição da incerteza de aceitação do artigo, na medida em que a diversidade de esforços encontra-se presente.

Na mesma linha deste raciocínio, Kahane sugere, para resolver problemas complexos, *cocriar* novas realidades sociais, aceitando o pressuposto que é inerente a todo ser humano, dois impulsos fundamentais que se atritam: um que lida com interesses e diferenças (*poder*) e outro que lida com conexões e comunalidades (*amor*).

Os termos *poder* e *amor* são definidos por Kahane, seguindo as ideias do teólogo e filósofo Paul Tillich e lidam com o *quê* e o *porquê* dos dois vocábulos e não com aquilo que eles propiciam, ou produzem. Kahane crê que a forma como Tillich definiu *poder* e *amor* é a mais adequada para seus propósitos de enfrentar desafios complexos em qualquer nível, seja ele individual, grupal, comunitário ou social.

Nesta perspectiva, seguindo os preceitos de Tillich, Kahane desenvolve acepções diferentes das que usualmente conhecemos, para os termos *poder* e *amor*. Assim, o *poder* é o impulso de tudo que vive para realizar a si mesmo, para cada um alcançar o seu propósito: seria a autorrealização; enquanto o *amor* é o impulso para a união do que está separado, ou seja, é a força que reconecta e integra o que se tornou fragmentado. Nessa direção, partindo da premissa de Martin Luther King Jr. - um dos maiores agentes de mudança social não violenta

- que afirma que *poder sem amor* é imprudente e abusivo e *amor sem poder* é sentimental e anêmico, a proposta de Kahane destina-se a encontrar diferentes maneiras de enfrentar desafios sociais complexos, conciliando, na prática, *poder* e *amor*, a fim de criar novas realidades sociais. Enfatizar a complementaridade entre *poder* e *amor*, não fazer escolhas, conciliá-los sem negar a existência de atrito entre esses dois impulsos é o grande desafio de Kahane.

Conforme Kahane, não se pode prescindir de nenhum desses impulsos porque o mundo em que vivemos não é um mundo vazio, muito pelo contrário, é cada vez mais cheio de pessoas, de edifícios, de lixo, de culturas diversas e de ideias fortes e antagonicas, isto é, um mundo lotado. E é exatamente essa lotação, no mundo real, de vozes diferentes e de grande diversidade que gera a complexidade e é a principal razão para não fazermos escolha entre o *poder* e o *amor*, e sim nos valermos dos dois. Entretanto, cada um desses impulsos vital tem dois lados: o generativo e o degenerativo.

O *poder* generativo é um impulso amplificador, no qual a competição produz melhor resultado. É por intermédio do *poder* generativo que se criam novas realidades sociais. Sem *poder* generativo, nada de novo floresce. O *poder* como impulso para a autorrealização pode ser mais eficaz se todos trabalharem juntos nos objetivos e não uns contra os outros. Conforme ressalta Martin Luther King (1994) “o poder propriamente compreendido não é mais que a habilidade de alcançar um propósito”. É uma força capaz de remover obstáculos, aparar e ajustar os pontos que apareçam como frágeis. Tillich acrescenta que a base do poder generativo está na centelha de tudo aquilo que se produz para a autorrealização, de tal maneira que esta também se reflita no entorno; propiciando mudanças para um coletivo, o que ultrapassa a individualidade do fazer e do agir exclusivamente para as suas próprias necessidades e expectativas.

Por outro lado, o *poder* degenerativo é repressor, despreza, nega e abandona a unidade. Expressa intencionalidade e autoridade e suprime a autorrealização do outro. O lado degenerativo é o lado sombrio do *Poder*. É o que se designa como poder-sobre, aquele que se utiliza da força e da autoridade para sufocar, reprimir e anular o outro, na sua capacidade de expressão e

deslocamento, progressão, crescimento e atitude. Esse movimento faz com que aqueles que o exercem sintam-se “superiores” aos demais, carregando uma supremacia que não é real, mas ilusória para com aqueles com os quais se relaciona. Na visão de Kahane (2010), o poder torna-se degenerativo quando não levamos em conta o outro, quando não escutamos seus argumentos, desprezando suas crenças e princípios, indiferentes a tudo que possa atrapalhar nossas próprias ambições e desejos. É o poder com ausência de amor que une, apesar das diferenças e particularidades de cada um. É o respeito pela existência do outro, acolhendo e assimilando as posições e contribuições a favor de um crescimento mútuo.

O *amor*, tal qual o *poder*, também tem os lados generativo e degenerativo. Baseado em alguns autores, Kahane (2010) define o lado generativo do *amor*: O já citado Paul Tillich aponta o *amor* generativo como o impulso do conhecimento, do respeito e da ajuda ao outro, a união do que está separado. Como reforça Kahane (2010), o que o fez envolver-se de maneira profunda, por ocasião da sua chegada à África do Sul, foi a percepção de que as pessoas com as quais ele passou a conviver tinham uma capacidade enorme de serem prestativos e generosos, independente de laços afetivos. O autor reforça este postulado através da criação de uma firma de consultoria fundada com Bill O'Brien, 25 anos mais velho do que ele, o que fez toda a diferença no seu processo de maturação profissional. Através deste colega de trabalho foi possível compreender o lado positivo do amor a partir de uma predisposição permanente no sentido de ajudar àqueles com os quais interagiam a se tornarem cada vez mais plenos. Ao longo de algumas experiências, foi possível verificar a capacidade de Kahane de articular o desejo de colaboração entre as pessoas. Este “dom” não o colocava numa posição de superioridade, não se tratando assim de um atributo, mas conferia a ele uma responsabilidade com a sociedade, em especial com aqueles que necessitavam de uma medição contínua para resolver e atenuar conflitos de natureza social.

O lado degenerativo do *amor* manifesta-se com a imobilidade diante de problemas complexos. O amor degenerativo fixa os seus esforços apenas no diálogo, não levando em conta a necessidade de reconhecer a existência

de um poder, que por vezes se faz necessário. O lado degenerativo do *amor* manifesta-se com a imobilidade diante de problemas complexos. O amor degenerativo fixa os seus esforços apenas no diálogo, não levando em conta a necessidade de reconhecer a existência de um poder, que por vezes se faz necessário. De acordo com Freire (1985) “ignorar o poder é prova de ingenuidade ou má-fé”.

Muitas vezes o fracasso do diálogo encontra-se na falta ou ausência de mecanismos que possam institucionaliza-los; e desta forma trazer legitimidade.

O amor sem poder é muito arriscado, segundo o autor, dado que o poder é uma realidade que pode estar oculto, jamais ausente. E por isso o amor se torna degenerativo, pois abafa, reprime e silencia as distintas opiniões e idéias dos indivíduos, impedindo a autorrealização. A união sem fronteiras, unindo tudo o que está separado, só se concretiza quando as fronteiras individuais se manifestam e se expressam. O amor só é generativo quando fortalece, promove e impulsiona a nós mesmos e aos outros. Para tal, o poder, que é a alavanca que permite que diferentes vozes sejam ouvidas e não sufocadas, deve estar presente em qualquer esfera.

Dessa forma, entendendo *poder* como impulso rumo ao crescimento e à realização e *amor*, como impulso que reconecta e integra o que se tornou fragmentado, ou seja, o impulso da união, nos tópicos seguintes, discorreremos teoricamente sobre o conceito de *Interdisciplinaridade e de disseminação da Informação*, a nosso ver, elo das ideias de Kahane (2010) com a Ciência da Informação.

3 INTERDISCIPLINARIDADE E DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÃO

O pensador mexicano Rendón Rojas (2008), afirma que a *interdisciplinaridade* não se trata de uma invenção ou de um modismo, e que surge devido à natureza complexa de um fenômeno. Para o autor, esse fenômeno é necessário para a construção da estrutura teórica (construtos, enunciados e teorias) de uma disciplina. Nesta perspectiva, o autor constata que a *interdisciplinaridade* não é simplesmente a transferência de um modelo científico de uma

disciplina para outra, nem o ocultamento da falta de identidade de uma disciplina, mas ao contrário, se faz mister a identidade disciplinar para que haja o fenômeno.

É a clareza do “domínio homogêneo de estudo” e do “conjunto sistemático e organizado de conhecimento com características próprias”, citados por Japiassu (1976), que Rendón Rojas (2008) chamou de identidade disciplinar que será condição *sine qua non* para que haja *interdisciplinaridade*. Nesse sentido, utilizaremos neste trabalho, o conceito elaborado por autores brasileiros, que afirmam que *interdisciplinaridade*

[...] é um método de pesquisa e de ensino suscetível de fazer com que duas ou mais disciplinas interajam entre si, esta interação podendo ir da simples comunicação das ideias até a integração mútua dos conceitos, da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização da pesquisa [...] (JAPIASSU; MARCONDES, 2006, p. 150).

É esta interação de disciplinas, de pessoas, de instituições ou de quaisquer outros tipos de relação, pressupõe a transferência de informação. Há, no âmbito científico vários **ciclos de comunicação desenvolvidos na década de 1970, cuja aplicação principal direciona-se à troca de ideias e informações entre pares** e que visam demonstrar o processo de transferir informações para realizar e comunicar resultados de suas investigações. Há também um ciclo mais recente elaborado na década de 1990, que já engloba em seus pressupostos a transferência de informação por meio de canais eletrônicos. Não aprofundaremos, neste trabalho, os pressupostos desses ciclos por fugirem aos seus objetivos. Segundo Pinheiro (2004, p.2, grifo nosso), a informação,

[...] por ser objeto de estudo da Ciência da Informação permeia os conceitos e definições da área. E, embora não possa ser definida nem medida, o fenômeno mais amplo que este campo do conhecimento pode tratar é a **geração, transferência ou comunicação** e uso da informação, aspectos contidos na definição de Ciência da Informação.

Os ciclos de comunicação, como o próprio nome indica, foram elaborados tendo como foco a comunicação científica que é parte fundamental

do processo de investigação científica, permitindo que a pesquisa seja comunicada, visando a efetivar a disseminação da informação e assim contribuir para o desenvolvimento da ciência. São considerados também um

[...] espectro completo das atividades de informação que ocorre entre os produtores de informação científica, desde o início de sua pesquisa até as publicações de seus resultados e a aceitação e incorporação dos mesmos como parte do corpo de conhecimento (GARVEY, 1979).

Assim, estudar os meios de troca de ideias e disseminação de informações entre cientistas, isto é, abordar a comunicação científica, não é apenas

enfocar os padrões de comunicação entre pares, mas também englobar tanto a informação à qual recorrem para suas pesquisas quanto àquela que produzem e transmitem por diferentes canais de comunicação e tipos de documentos (PINHEIRO, 2003, p. 62).

Para a autora, os estudos de comunicação científica estendem-se até a informação por ser esta parte fundamental da estrutura de Ciência e Tecnologia (PINHEIRO, 2003).

Sob essa ótica, a disseminação da informação é um processo que remete aos mais remotos tempos. A História nos relata que na Antiguidade Clássica e na Idade Média “a transferência de informação entre os filósofos – os predecessores dos cientistas atuais – era feita, principalmente, por via oral” (FIGUEIREDO, 1979, p. 115). Posteriormente, com o advento da ciência e o conseqüente desenvolvimento do método científico, a correspondência escrita entre cientistas foi acentuada, visando à troca de ideias e à difusão de suas pesquisas. Outro meio para intercâmbio de pensamentos entre os pares foi o periódico científico, considerado legitimador da ciência, cujo surgimento se deu em meados do século XVII, com o *Journal de Sçavant* e o *Philoshophical Transactions of the Royal Society of London*, momento em que também brotaram as primeiras sociedades científicas, como a *Royal Society of London*, em 1660 (PINHEIRO, 2006).

De maneira sintética, o exposto anteriormente mostra que há dois canais básicos utilizados para a comunicação científica: os

formais ou de literatura e os informais ou pessoais, ambos relevantes em seus contextos próprios. Atualmente, conta-se também com os canais eletrônicos, após o surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC's). Entre os canais formais destacam-se livros e periódicos, e a comunicação interpessoal é primordial entre os canais informais.

Para este artigo, importam os resultados de pesquisa publicados em canais formais e como esse conhecimento registrado influencia pesquisadores das gerações seguintes. É importante ressaltar, que os aspectos aqui enfatizados terão por base, como já mencionado mais de uma vez, os pressupostos de Kahane (2010).

4 ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA E EMÍLIO GOELDI

Uma citação é uma referência documental que, quando incluída num texto, mostra relações entre o documento citado e o documento citante, em outras palavras, é o empréstimo de uma ideia por escrito. Segundo Garfield, dentre as razões para se fazer uma citação estão: prestar homenagem a autores pioneiros; dar crédito a trabalhos correlatos, corrigir e criticar seus próprios trabalhos e/ou de outrem, etc.

Nesta perspectiva, analisaremos, a partir da apropriação dos textos de Alexandre Rodrigues Ferreira por Emílio Goeldi e que resultaram em nova produção intelectual por parte do segundo, enfatizando, nesta investigação, os conceitos de Kahane (2010).

Em primeiro lugar, é preciso esclarecer que o cenário em que acontecem as relações propostas por Kahane e o que ele chama de problemas sociais complexos, ocorrem fora da esfera científica. São problemas sociais que não excluem, é claro, a utilização da Ciência em sua compreensão ou posterior resolução, mas o foco principal é a sociedade em si, por exemplo, problemas como a subnutrição na Índia, do *Apartheid* na África do Sul, etc.

O que se quer observar, neste estudo, necessariamente recai no âmbito científico, na medida em que se quer verificar a disseminação de informação científica entre autores de épocas distintas. Como se deu essa relação?

Contextualizando a época em que viveu Alexandre Rodrigues Ferreira, o primeiro

brasileiro a circular pela Amazônia no século XVIII, necessariamente, a história nos apontará para o cenário dos viajantes naturalistas. Estes, homens de ciência, com diferentes objetivos e os mais diversos roteiros traçados, no Brasil, percorreram distintas regiões a fim de conhecer a natureza, registrar tudo o que encontravam e coletar amostras animais, vegetais e minerais. E a Amazônia foi o grande desafio de mais de uma centena de expedições científicas (MIRANDA, 2006).

Os naturalistas, desde o final do século XVIII, já realizavam expedições científicas no Vale Amazônico, e tinham como meta levantar e organizar informações sobre a região, além de estudar os povos ali encontrados. Nas palavras da autora

O naturalista deveria observar também o estado das povoações e indagar a sua história, religião, costumes, artes, economia, comércio, alimentos, medicina, indumentária, habitações, armas, guerras, funerais, etc (LEITE, 1995, p.8).

Foi com esse objetivo que o baiano Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815) chegou à Amazônia no final do século XVIII, a serviço da rainha de Portugal, D. Maria I, conhecida no Brasil como a rainha louca. Observa-se que, na região amazônica, pouco explorada até então, “pela primeira vez um naturalista palmilhava em busca de novos conhecimentos científicos e aplicados” (CARVALHO, 1972, p.6). Em sua viagem Filosófica, como ficou conhecida, Ferreira circulou nove anos pelas capitânicas do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá, no período de 1783 a 1792, quando coletou, pesquisou sobre os três reinos da natureza e enviou todo material coletado ao reino Português. Em 1815, ano da morte do naturalista brasileiro, existiam 103 manuscritos de sua autoria, entre os quais “memórias” sobre os índios, fauna e flora amazônicos (GOELDI, 1895).

Em 1838, 23 anos após sua morte, seu legado reduziu-se a 99 manuscritos. Não detalharemos as causas dessa redução por fugirem aos objetivos desse artigo.

Mais de 100 anos se passaram do final da Viagem Filosófica sem que e nenhum pesquisador brasileiro ou português dedicasse

uma linha aos manuscritos do naturalista baiano. O seu esforço de coleta e pesquisa nunca foi publicado durante sua vida.

Em 1895, ano seguinte de sua chegada ao Pará para assumir a Direção do Museu Paraense, fundado em 1866, o zoólogo suíço Emílio Goeldi (1859 - 1917), o segundo protagonista deste artigo, seguindo os preceitos estabelecidos por Garfield (1979) escreve um *Ensaio sobre o Dr. Alexandre R. Ferreira*, notadamente para homenagear um autor pioneiro, dar-lhe crédito e criticar cientificamente suas pesquisas na região amazônica. Trata-se de um esboço biográfico, no qual Goeldi relata sobre a vida e avalia criticamente as contribuições deixadas como legado à Botânica, Zoologia e Etnografia, a partir do material coletado na Viagem Filosófica por Alexandre Rodrigues Ferreira.

A atitude de Goeldi, como mostra a citação abaixo, coaduna-se com o que Kahane acredita ser uma verdadeira relação de *poder e amor*.

Vibra minha pena agitadaíssima debaixo das múltiplas impressões, que me inspira esse assumpto, por assim dizer, desde o primeiro dia em que pizei terras brasileiras e em que principiei a verificar mais de perto onde meus antecessores tinham deixado a obra scientifica relativa ao Brazil [...] [...]É o espirito de corporação que me impele a esse trabalho, a profunda compaixão a um collega, cujos merecimentos não foram devidamente apreciados nem pelos contemporâneos, nem pela posteridade (GOELDI, 1895, p. 5-6).

Vale destacar a relação de *poder*, no sentido generativo, porque ao se apropriar dos escritos de Ferreira, o impulso de Goeldi foi amplificador e criador de novas realidades. A partir das ideias do naturalista, registradas em manuscritos, Goeldi pode dar a conhecer, 100 anos depois, a importância da Viagem Filosófica e do pioneirismo de Ferreira no que se refere à exploração da Amazônia. Ao dar ao autor citado os créditos de pioneiro no assunto estudado, Goeldi realizou-se a si mesmo, alcançando seu propósito, registrado na citação acima.

Podemos entender também essa relação entre o naturalista do século XVIII e o pesquisador do século XIX, via disseminação da informação e citações, como uma relação de *amor*

generativo, na medida em que o que se tornou fragmentado foi unido pela pena vibrante de Goeldi. O *amor generativo*, como bem explicita Tillich (1954) é o impulso do conhecimento, do respeito e ajuda ao outro, da conexão daquilo que estava separado.

De acordo com Dervin e Frenette (2001) todos aqueles que têm por prática construir sentido a partir de suas pesquisas, podem ser considerados sociais na medida em que conseguem discutir as conexões entre passado e presente, e entre presente e futuro; entre o eu e as lutas com o próprio eu; entre o eu e os outros; numa prática comunicativa que compreende energia e força, poder e limitação. Estas energias podem vir de dentro (motivação) e de fora (ajuda de especialistas e instituições).

5 CONSIDERAÇÕES

A relação entre autores citantes e citados, sob a ótica de Kahane, é um tema novo que ainda necessita ser mais aprofundado. A importância deste exercício encontra-se no fato de tentar articular as ideias de Kahane, com os conceitos de interdisciplinaridade e disseminação de informação, caros à Ciência da Informação.

No cenário dos dois autores citados (Alexandre Rodrigues Ferreira e Emílio Goeldi), o fazer sentido ocorre por meio de um processo que se constrói através de conceitos novos adquiridos, de maneira cumulativa, permitindo uma perspectiva diferente da que se tinha anteriormente. A ideia de compartilhamento e negociação de significados permeia os textos produzidos pelos mencionados autores.

A forma como Kahane enfrenta e resolve problemas sociais complexos, conciliando, na prática, os conceitos de *poder e amor*, desenvolvidos por ele, os estudiosos da Ciência da Informação e outras ciências, denominam de *interdisciplinaridade*, na medida em que a Ciência da Informação é essencialmente social, sendo necessário estudar os fenômenos relacionados à compreensão, apropriação e uso da informação pela sociedade. Deste modo, o Cientista da Informação se coloca no papel de mediador, com a finalidade de estreitar laços, estabelecendo a comunicação com o outro e, sobretudo para o outro.

LOVE AND POWER IN THE PERSPECTIVE OF KAHANE: a dialogue between researchers from different eras

ABSTRACT This study aims to apply the concepts of power and love, from the perspective of the Canadian author Adam Kahane to the dialogue between Alexandre Rodrigues Ferreira (XVIII century) and Emilio Goeldi (XIX century), researchers from different eras. In this perspective, we will analyze the appropriation of the texts of Alexandre Rodrigues Ferreira by Emilio Goeldi, which resulted in a new intellectual output by the second, in which a relationship between love and generative power is found. In the scenario of the two authors cited (Alexandre Rodrigues Ferreira and Emilio Goeldi), the making sense occurs through a process that is built by new concepts, acquired cumulatively, allowing a perspective different from that previous one. The idea of sharing and negotiation of meanings permeates the texts produced by the mentioned authors. The way Kahane faces and solves complex social problems, reconciling, in practice, the concepts of power and love, developed by him, the students of Information Science and other sciences, call interdisciplinarity.

Keywords: Adam Kahane. Information Science. Interdisciplinarity.

Artigo recebido em 22/12/2013 e aceito para publicação em 20/03/2014

REFERÊNCIAS

- BARNETT, A. H.; AULT, R. W.; KASERMAN, D. L. The rising incidence of co-authorship in economics: further evidence. *Review of Economics and Statistics*, v. 70, no. 3, 1988.
- CARVALHO, J. C. de M. Introdução. In: FERREIRA, A. R. *Viagem Filosófica: pelas capitâneas do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972. p. 6.
- DERVIN, B.; FRENETTE, M. Sense-Making methodology: communicating communicatively with campaign audiences. In: RICE, R. E.; ATKIN, C. K. (Ed.). *Public communication campaigns*. Thousand Oaks, 2001. p. 69-87.
- DURAND, G. Multidisciplinarités et heuristique. In: PORTELLA, E. (Org.). *Entre savoirs: l'interdisciplinarité en actes: enjeux, obstacles, résultats*. Toulouse: Érès: Unesco, 1991. p. 35-48.
- FIGUEIREDO, N. O processo de transferência da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 8, n. 2, p.119-138, 1979.
- FREIRE, P. *The politics of education: culture, power and liberation*. Westport: Bergin&Garvey, 1985.
- GARFIELD, E. Is citation analysis a legitimate evaluation tool?, *Scientometrics*, Philadelphia, Vol. 1, No. 4, p. 359-375, 1979.
- GARVEY, W. D. *Communication: essence of science; facilitating information exchange among librarians, scientists, engineers and students*. Oxford: Pergamon Press, 1979.
- GOELDI, E. Ensaio sobre Alexandre R Ferreira: mormente e, relação às suas viagens na Amazônia e sua importância como naturalista, 1895. Introdução p.V-VI. In: *Boletim do Museu de História Natural e Ethnographia*, Belém, v.1, Fasc.1, p.5-107, 1894-1896.
- GUSDORF, G. Prefácio. In: JAPIASSU, H. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 8.
- JAPIASSU, H. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

- JAPIASSU, H. *O sonho transdisciplinar e as razões da filosofia*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- JAPIASSU, H.; MARCONDES, D. *Dicionário básico de filosofia*. 4. ed. atual. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.
- KAHANE, A. *Poder&Amor: teoria e prática da mudança social*. São Paulo: SENAC, 2010.
- KING JR., M. L. *The papers of Martin Luther King Jr.* Berkeley: University of California Press, 1994. v. 2.
- LEITE, M. Naturalistas viajantes. *História, ciência, saúde*, Mangueiras, RJ, v.1, n.2, p.7-19, nov. 1994 - fev. 1995.
- MIRANDA, E. de A. *Representações da Amazônia: espaço e imagem de Cametá (PA)*, 2006. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional)- Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Orientadora: Tamara Tânia Cohen Egler.
- PINHEIRO. L. V. R. Comunidades científicas e infra-estrutura tecnológica no Brasil para uso de recursos eletrônicos de comunicação e informação na pesquisa. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 3, p. 62-73, 2003.
- PINHEIRO. L. V. R. Evolução da comunicação científica até as redes eletrônicas e o periódico como instrumento central deste processo. In: Conferência Ibero-Americana de publicações eletrônicas no contexto da Comunicação Científica, 1., Brasília, *Anais...* Campo Grande: Editora UNIDERP, 2006, v. 1. p. 27-38.
- PINHEIRO. L. V. R. Informação: esse obscuro objeto da Ciência da informação. *Morpheus: revista eletrônica em Ciências Humanas: conhecimento e sociedade*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, 2004. Disponível em: <<http://www.unirio.br/morpheusonline/Numero04-2004/lpinheiro.htm>>. Acesso em: 1 dez. 2011.
- POMBO, O. Interdisciplinaridade e integração de saberes. 2005. Disponível em <<http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/viewFile/186/103>> Acesso em: 14 ago. 2012.
- RENDÓN ROJAS, M. A. *Ciencia de la información en el contexto de las ciencias sociales, humanas, epistemología, metodología e interdisciplina*. DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, ago.2008.
- TILLICH, P. *Love, Power and Justice: ontological analyses and ethical applications*. Nova York: Oxford niversity Press, 1954.

